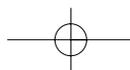


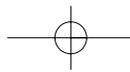
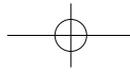
COLEÇÃO
Cadernos de
EJa

Globalização e Trabalho



**Ministério
da Educação**





Apresentação

Ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que gerou grande impacto nos sistemas educacionais. Hoje, milhões de brasileiros ainda não se beneficiam do ingresso e da permanência na escola, ou seja, não têm acesso a um sistema de educação que os acolha.

Educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado; garantir o exercício desse direito é um desafio que impõe decisões inovadoras.

Para enfrentar esse desafio, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, cuja tarefa é criar as estruturas necessárias para formular, implementar, fomentar e avaliar as políticas públicas voltadas para os grupos tradicionalmente excluídos de seus direitos, como as pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental.

Efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular: que ele prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

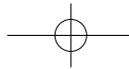
Com esse intuito, a Secad apresenta os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*. “Trabalho” será o tema da abordagem dos cadernos, pela importância que tem no cotidiano dos alunos.

A coleção é composta de 27 cadernos: 13 para o aluno, 13 para o professor e um com a concepção metodológica e pedagógica do material. O caderno do aluno é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes; o do professor é um catálogo de atividades, com sugestões para o trabalho com esses textos.

A Secad não espera que este material seja o único utilizado nas salas de aula. Ao contrário, com ele busca ampliar o rol do que pode ser selecionado pelo educador, incentivando a articulação e a integração das diversas áreas do conhecimento.

Bom trabalho!

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – Secad/MEC



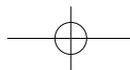
Sumário



TEXTO

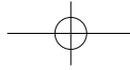
1. Parabolicamará 6
2. A carta de Pêro Vaz de Caminha 8
3. A globalização como perversidade 12
4. Trabalhadores sindicalizados nos EUA 14
5. A globalização da língua 15
6. Samba do approach 19
7. El mapa del español 20
8. Os chineses na OMC 21
9. Meu coração em Faluja 25
10. A era da incerteza 27
11. Gastos mundiais com a guerra 29
12. O abismo que separa os fóruns social e econômico 30
13. Um outro mundo é possível 32
14. Entenda a decisão da Bolívia 34
15. Illegal in Miami 36





16. Um dia sem imigrantes	38
17. A logística cria o produto mundial	39
18. A integração norte-americana	40
19. Metade da América do Sul já está ligada ao bloco	42
20. Aldeia global	45
21. Próximos e distantes	46
22. OIT afirma que há cada vez mais escravos da globalização	47
23. As mãos invisíveis do mercado	48
24. Escravos urbanos	49
25. Empregabilidade, globalização e futuro profissional	50
26. A nova ordem mundial	54
27. Na média, ou Bill Gates no restaurante	55
28. Bulhufas	57
29. Os caminhos do Novo Mundo	60
30. Flagelos humanos	61




TEXTO 1

Interação de culturas

PARABOLICAMARÁ

Música e letra de Gilberto Gil, 1991

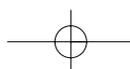


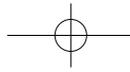
Antes mundo era pequeno
 Porque Terra era grande
 Hoje mundo é muito grande

Porque Terra é pequena
 Do tamanho da antena parabolicamará
 Ê, volta do mundo, camará
 Ê, ê, mundo dá volta, camará

Antes longe era distante
 Perto, só quando dava
 Quando muito, ali defronte
 E o horizonte acabava
 Hoje lá trás dos montes, “den” de casa, camará
 Ê, volta do mundo, camará
 Ê, ê, mundo dá volta, camará

De jangada leva uma eternidade
 De saveiro leva uma encarnação





Pela onda luminosa
Leva o tempo de um raio
Tempo que levava Rosa
Pra aprumar o balaio
Quando sentia que o balaio ia escorregar
Ê, volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará

Esse tempo nunca passa
Não é de ontem nem de hoje
Mora no som da cabaça
Nem tá preso nem foge
No instante que tange o berimbau, meu camará
Ê, volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará

De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
De avião, o tempo de uma saudade

Esse tempo não tem rédea
Vem nas asas do vento
O momento da tragédia
Chico, Ferreira e Bento
Só souberam na hora do destino apresentar
Ê, volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará



A CARTA DE PÊRO VAZ DE CAMINHA

Acervo Iconografia



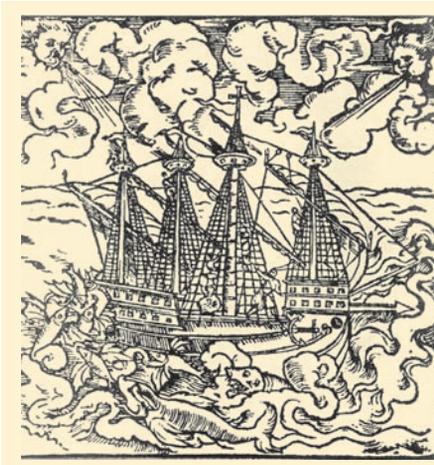
Caravelas no Porto de Lisboa, gravura de livro de Hans Staden.

“ *A partida de Belém foi, como Vossa Alteza sabe, segunda-feira, 9 de março.* ”

(...)

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegavam primeiro. Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa.

Arquivo Iconografia



Nau portuguesa do século 14, gravura de livro de Hans Staden.

(...)

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho,

e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de querer falar ao Capitão; nem a alguém.

Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como

se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Texto 2 / Interação de culturas

Arquivo Iconografia



Nau portuguesa do século 14, gravura de livro de Hans Staden.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartes, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo o lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes água em uma abarada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas, fez sinal que lhes dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lho não havíamos de dar.

(...)

Andariam na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e de aí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam este dia à praia quatrocentos ou quatrocentos e cinqüenta. Alguns deles traziam arcos e setas; e deram tudo em troca de carapuças e por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos, e alguns deles bebiam vinho, ao passo que outros o não podiam beber. Mas quer-me parecer que, se os acostumarrem, o hão de beber de boa vontade!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute (*isso*) bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

(...)

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

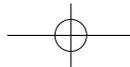
Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pêro Vaz de Caminha

“Pêro Vaz de Caminha foi nomeado, em 1500, como escrivão da feitoria a ser erguida em Calicute, na Índia, razão pela qual se encontrava na nau capitânia da armada de Pedro Álvares Cabral. No mês de abril, do mesmo ano, quando esta aportou no Brasil, Pêro eternizou-se como o autor da carta, datada de 1º de maio de 1500, ao soberano.”

Extraído de www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html





TEXTO 3

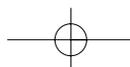
Contrastes da globalização

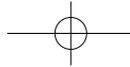
A GLOBALIZAÇÃO COMO PERVERSIDADE



Foto: Nilton Fukuda / AE

O muro entre prédios caros do bairro Morumbi e os barracos da favela Paraisópolis, em São Paulo, ao mesmo tempo separa e aproxima dois mundos bem distintos, mas cada vez mais interdependentes.





Conseqüências indesejáveis da uniformização do planeta

(...) “de fato, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermida-

des como a Aids se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção.”

Texto adaptado por Página Viva de Por uma Outra Globalização – Do Pensamento Único à Consciência Universal, de Milton Santos. Ed. Record/2000, págs. 19-20.

A visão de Carlos Lessa*

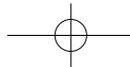
(...) “A outra forma de fazer a globalização é a partir dos países, e é para essa forma que já estamos marchando. Porque o período histórico atual está morrendo. Esse período da globalização está morrendo. Então, o que nós vamos ter é uma outra globalização produzida a partir dos territórios, de suas culturas, das aspirações do que Carlos Lessa chamou (...) de povo. E que eu preferiria chamar de pobres, porque são os que têm força real hoje, do ponto de vista da criatividade, e não nós. Então, há essas duas coisas.”

(...) “Essa nova forma de organização da Federação partiria dos de baixo,

dos excluídos pelo processo da globalização. Quem se comunica pela Internet não são os de baixo. Essa comunicação distante não é própria deles. Os lugares são feitos, sobretudo, pelos de baixo, são eles que se comunicam nos lugares, são eles que estão reclamando alimentação correta, saúde, educação para os filhos, lazer, informação e consumo político – que é uma reclamação também não muito clara, mas que vai aparecer daqui a pouco, a partir de uma base local.”

* **Carlos Lessa** é economista e foi presidente do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Texto adaptado por Página Viva de entrevista com o professor Milton Santos para www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/geo23b.htm (acesso em 15 de maio de 2006).



TEXTO 4

Mudanças no mercado de trabalho

TRABALHADORES SINDICALIZADOS NOS EUA

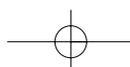
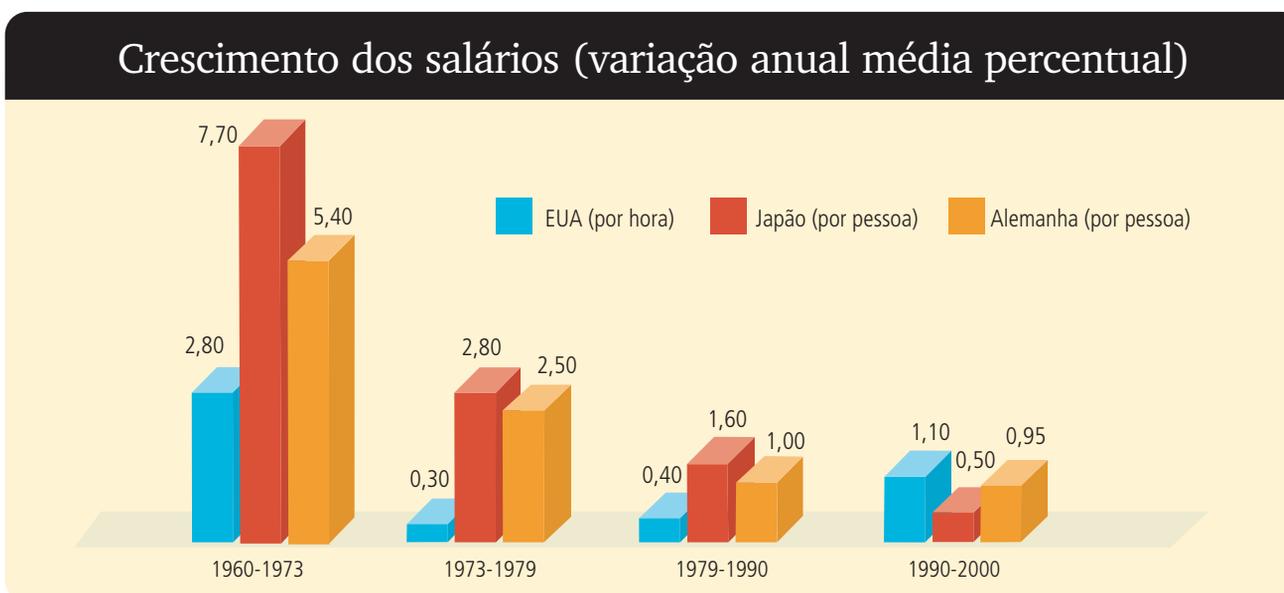
Nas últimas décadas, o mundo observou uma redução do número de trabalhadores sindicalizados, especialmente nos países industrializados. Nos Estados Unidos, a queda é evidente, conforme se observa no gráfico abaixo. Ao mesmo tempo em que os sindicatos perdem representatividade, os níveis salariais despencam, pois os trabalhadores ficam fragilizados na defesa de seus direitos antigos e na conquista de novos.

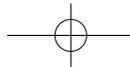
Texto adaptado por Página Viva

Extraído do livro O Boom e a Bolha, de Robert Brenner, Ed. Record.



Arte: A+





A GLOBALIZAÇÃO da

L

Í

N

G

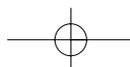
U

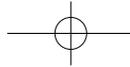
A

John Naisbitt, festejado consultor de Cambridge, em seu *Paradoxo Global*, dedica um capítulo inteiro à questão do idioma, demonstrando como, ao mesmo tempo em que o inglês se torna instrumento de dominação econômica e cultural sobre o planeta, povos e nações adotam a defesa do idioma como instrumento de resistência

contra a globalização asfixiante e empobrecedora. Vale a pena transcrever o trecho no qual ele fala da Islândia:

“Alguns vão bastante longe na defesa de seu idioma. Ninguém vai mais longe do que o povo da Islândia. Todo islandês fala o inglês como o segundo idioma e a maioria também fala outros idiomas. Contudo,





Texto 5 / Interação entre culturas

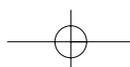


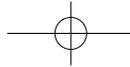
eles protegem ferrenhamente a pureza do idioma islandês. Caso surja uma palavra nova, como *software* ou nanossegundo, um comitê decide que palavras e sons islandeses devem ser reunidos para representar o objeto novo ou a idéia nova. Inexistem sons não-islandeses no idioma desse povo. É digno de menção que a Islândia possui, também, o mais antigo governo democrático do mundo e a taxa de alfabetização mais elevada.”

Em qualquer idioma, as palavras nascem, morrem, mudam de sentido, reúnem-se e separam-se em locuções, são substituídas, cortadas, ampliadas. A língua acompanha a economia, a ciência, a organização da sociedade, os costumes, a política, os movimentos sociais, as revoluções. A Revolução Francesa forjou termos como jacobino e restaurante, entre outros. As transformações que impôs ao mundo foram acompanhadas pelas palavras que lhes deram existência. Como o mundo e todas as coisas, os idiomas estão em permanente mudança. É

só atentar no passado para perceber que da presença muçulmana na antiga Lusitânia herdamos centenas de palavras, como arroz, açúcar, azeite, alfândega, almirante, refém e Oxalá. Dos germânicos, mais um tanto de palavras, e ainda dos franceses, ingleses, italianos, chineses, sem esquecer dos indígenas e africanos. Defender o idioma não é imunizá-lo dos empréstimos e incorporações necessários à sua renovação. Mas é, ao mesmo tempo, cuidar de sua permanência e continuidade. A língua portuguesa padece atualmente do excesso de estrangeirismo e do relaxamento das normas para inclusão de palavras e expressões no vocabulário nacional. É hora de abandonar o protesto silencioso e erguer o movimento nacional para exaltação e defesa do idioma.

Trecho extraído do texto de Aldo Rebelo publicado na revista Teoria e Debate, ano 14, n.º 48 jun./jul./ago., 2001, págs. 68 a 70, edição Fundação Perseu Abramo, São Paulo.





2.500 línguas indígenas correm risco de extinção

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente alerta: mais de 2.500 línguas indígenas que contêm informação vital sobre a natureza correm o risco de se extinguir imediatamente

NAIRÓBI - Aproximadamente 2.500 línguas indígenas estão em perigo de extinção imediata, alertam as pesquisas divulgadas pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, PNUMA. Das quase 7.000 línguas existentes no planeta, entre 4.000 e 5.000 estão classificadas como indígenas. O maior número de idiomas é falado em Papua Nova Guiné, onde se distinguem 847 línguas diferentes. A seguir vêm Indonésia, com 655, Nigéria, 376, Índia, 309, Austrália, 261, México, 230, Camarões, 201, Brasil, 185, e Zaire, com 158. Os idiomas mais ameaçados são os falados por menos de mil habitantes. Mais de

mil línguas são faladas por entre 101 e mil pessoas. Outras 553 são faladas por apenas cem pessoas ou menos. De acordo com o estudo, 231 línguas já morreram. Alguns observadores calculam que nos próximos cem anos 90% dos idiomas do mundo terão se extinguido ou estarão por se extinguir. A perda de uma língua e de seu contexto cultural representa a queima de um livro de consulta único do mundo natural, segundo o PNUMA.

Trecho adaptado de www1.folha.uol.com.br/folha/ciencial/ult306u2441.shtml

Preservação cultural

De acordo com o artigo 210 da Constituição Brasileira promulgada em 1988, além de reafirmar a imposição do ensino da língua portuguesa aos indígenas, lhes assegura o direito de utilizar nas escolas as suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

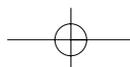
Assim, a União deve desenvolver programas de ensino e pesquisa para oferecer educação escolar e intercultural em ambas as línguas, com o objetivo de lhes proporcionar a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e conhecimentos tradicionais.

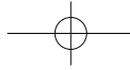
Texto editado e adaptado por Página Viva do site <http://comciencia.br/reportagens>



Foto: Tasso Marcelo / AE

Índio catucina Alberto Rosa da Silva, "Tamã-kayã", de 30 anos, professor da escola de sua aldeia, no Acre.





Eversíngue is gânná bi ouráite!

O escritor e humorista Carlos Castelo Branco, o Castelo, despeja bile sobre o selvagem ataque do inglês sobre o idioma pátrio

Agora, que finalmente assumi um ministério, terei um jôbi importante e inadiável a concretizar: acabar com os estrangeirismos no governo e no Brasil, de um modo geral.

Parecer ter virado uma comóditi essa história de falar e escrever as coisas como se fôssemos gringos. Isso aqui é uma nação, não um chópim center. Há que colocar o idioma nacional num nosocômio, ou ele perecerá.

Para tanto, influenciarei meus colegas ministros e, báí de uêi, o presidente. Cheguei mesmo a mencionar esse fato, no párqingue do Alvorada, para o Zé Dirceu.

Sei que passarei vários dias e náites na maior váibe – comendo fésti-fude, despachando documentos através de moto-rapazes, escrevendo no lépi-tópi, mas mudarei o rárdi-disque deste país!

Pretendo fazer um marqueting páuer. Já tenho até um bríngue pronto. Contactarei, além do Duda, o ministro da Cultura e lhe pedirei um rélpi de pópi-estárs.

Outrossim, criaremos (com os melhores uébe-disáineres do país) um sítio de milhões de megabáites na Grande Rede Mundial com informações on-láine.

Ali, dados sobre os efeitos nefastos do

estrangeirismo em nosso português poderão ser retirados via dáunloude da rome-pêige.

Tudo deverá ser rapidamente printado pelo internauta, enquanto ele toma um míl-que-chêiquezinho.

Os que não forem atingidos pelo sítio o serão através dessa poderosa ferramenta tecnológica hodierna chamada missivaeletrônica.

Milhões de e-missivas devem ser disparadas de um cérebro eletrônico central.

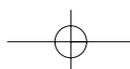
Enfim, teremos um material com mude original, na linha do i-bízines, mas socialmente cul.

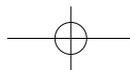
Claro que todo esse esforço deve acabar numa grande rêive, comandada por dijêis comprovadamente brasucas, num ambiente nacionalista-câlti.

Na verdade, se o tal jôbi for um sucesso, ele deverá mesmo é ser transformado num sófituér e exportado, uordiuáide, para todas as nações lusófonas.

É como diz o Gil: “Eversíngue is gânná bi ouráite!”

Fonte ► Publicada na revista Caros Amigos n.º 83





SAMBA DO APPROACH

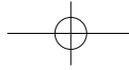
(Zeca Baleiro)

Compositor e cantor, maranhense Zeca Baleiro compôs o satírico *Samba do Approach* em 2003.



Venha provar meu brunch
saiba que eu tenho approach
na hora do lunch
eu ando de ferryboat
eu tenho savoir-faire
meu temperamento é light
minha casa é hi-tec

toda hora rola um insight
já fui fã do jethro tull
hoje me amarro no Slash
minha vida agora é cool
meu passado é que foi trash
fica ligada no link
que eu vou confessar my love
depois do décimo drink
só um bom e velho engov
eu tirei o meu green card
e fui pra Miami Beach
posso não ser pop star
mas já sou um nouveau riche
eu tenho sex-appeal
saca só meu background
veloz como Damon Hill
tenaz como Fittipaldi
não dispense um happy end
quero jogar no dream team
de dia um macho man
e de noite um drag queen

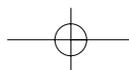


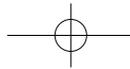
En todo el mundo, alrededor de 400 millones de personas hablan español. Es la cuarta lengua en número de hablantes y la segunda como lengua de comunicación internacional. Se habla español en cuatro continentes y es lengua oficial en 21 países: Argentina, Bolivia, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, Ecuador, El Salvador, España, Guatemala, Guinea

Ecuatorial, Honduras, Nicaragua, México, Panamá, Paraguay, Perú, Puerto Rico, República Dominicana, Uruguay, Venezuela.

Muchos extranjeros también hablan español por diferentes motivos: estudios, trabajo, o porque viven en un país de habla hispana.

Texto producido por Página Viva

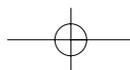


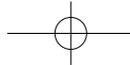


Estive na China.
Queria ver de perto como
é o trabalho lá. Afinal, o país
vai entrar na OMC, que,
indiretamente, exercerá
pressões no campo
trabalhista.

OS CHINESES na OMC

A China consegue
produzir a preços
inacreditáveis. Para os chineses,
uma camisa custa o equivalente
a 1 dólar; uma calça, 3 dólares;
meio quilo de carne, 1 dólar;
um quilo de arroz, 0,25;
1 litro de gasolina,
0,40.





Texto 8 / Comércio internacional

Comprei em Pequim uma seda maravilhosa e, na própria loja, mandei fazer um paletó esporte, que foi entregue no dia seguinte, com excelente acabamento, por cerca de 57 dólares – incluindo fazenda e feitiço! Achei um bom negócio até chegar em Xangai, onde, longe dos turistas, podia ter pago 35 dólares. A China tem preços imbatíveis.

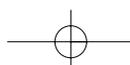
Fiz questão de visitar a oficina do “alfaiate”: era uma salinha, longe da loja, onde duas mocinhas, funcionárias públicas, trabalham à noite, para reforçar a renda. Milhões de chinesas fazem a mesma coisa. É duro competir com esse sistema.

Para compreender o trabalho na China, cheguei com uma enorme lista de perguntas. Saí com outra maior. A realidade é complexa. A abertura da economia, apesar do tempero chinês, está mudando o trabalho.

A população economicamente ativa é de quase 700 milhões de pessoas – 450 milhões no campo (onde não há dados fidedignos), e o restante nas cidades.

Na China urbana, o trabalho é exercido em órgãos do governo, empresas estatais,

Foto: Jakob Montrasio-Fan



firmas coletivas, *joint-ventures*, companhias estrangeiras, empresas familiares e atividade autônoma. É uma teia de relações complexas, bem diferente da homogeneidade dos tempos de Mao, quando todos os chineses eram empregados do Estado.

Hoje há uma mistura indecifrável. A legislação trabalhista foi reformada em 1994. Tem uma feição moderna. O trabalho infantil é crime; a jornada de trabalho é de oito horas por dia e quarenta por semana; os sindicatos, além de negociarem com as empresas, denunciam os administradores que violam a lei. O salário mínimo é fixado por localidades. Em Pequim é cerca de 30 dólares por mês; em Xangai, 32 dólares; em Guangzhou, 45 dólares.

No setor público, nas *joint-ventures* e nas empresas estrangeiras, a lei é seguida à risca. Ali, além do salário, os empregados recebem vários benefícios.

Mas, ao lado disso, há cerca de 60 milhões de pessoas que, anualmente, saem do campo para as cidades, onde passam a trabalhar doze, catorze e até dezesseis horas

por dia, na informalidade, em empresas familiares ou como autônomos. Como ninguém pode mudar sem ter um emprego garantido no local de destino, essas multidões se acomodam ilegalmente nos subúrbios, e pedalam suas bicicletas, todos os dias, até os locais de trabalho, nas áreas mais centrais. É uma imensidão incalculável.

Para complicar o quadro, muitos chineses trabalham uma parte do tempo no mercado formal, e outra no mercado informal, como as costureiras do meu paletó.

A estabilidade de emprego começa a acabar. As decisões centralizadas do comunismo inicial estão sendo substituídas por ações dos administradores das empresas, que passaram a levar em conta o desempenho dos funcionários e do empreendimento. Milhões de chefes e subordinados fazem cursos de atualização; os concursos passaram a ser condição para recrutar, premiar e promover os funcionários mais produtivos. Há uma febre de racionalidade no uso do fator trabalho.

Desde que o regime comunista decidiu abrir a China para investimentos estrangeiros, em 1978, o país se tornou uma das economias que mais crescem no mundo, além de estar entre as dez maiores. Mas, com as taxas de crescimento em cerca de 9%, alguns analistas alertam para um superaquecimento e para o fato de que o resto do mundo pode sofrer o impacto de possível recessão no país. Nos últimos anos, a China também se tornou um gigante do comércio, conquistando o quinto lugar em exportações. O *boom* econômico, no entanto, trouxe ao país problemas sociais e ambientais.





Foto: David Wilmot

Templo em Po-lin, China.
Os anos de comunismo
não apagaram a devoção
ao Buda.

Os chineses são muito adaptáveis, e trabalham com muito afinco. O respeito à hierarquia é total. Os conflitos são raros. A educação garante a aprendizagem das novas tecnologias. Trabalho barato, disciplinado e de boa qualidade tem sido o ponto de atração das 60.000 empresas estrangeiras que estão na China.

A economia chinesa é dinâmica, vibrante e animada. O país esbanja otimismo. Nos últimos vinte anos, a China cresceu 9%, em média. Este ano crescerá 8%. O comércio internacional (exportações e importações) é da ordem de 350 bilhões de dólares. O país está investindo 365 bilhões de dólares em infra-estrutura. As grandes cidades são modernas e atraentes. Contam-se aos milhares os prédios com mais de cinquenta andares. No interior, o investimento nas pequenas cidades é maciço, à espera dos camponeses que serão eliminados pela crescente pobreza do solo e pela entrada das tecnologias agrícolas.

O problema que mais atormenta os chineses é a perspectiva de faltar comida para alimentar 1,3 bilhão de habitantes. Eles

não escondem a inveja que têm da abundância de terra fértil, sol e água, que podem tornar o Brasil o celeiro do mundo. Afinal, a China terá de importar cerca de 300 milhões de toneladas de alimentos no ano 2010. Que oportunidade para o Brasil!

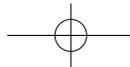
Voltando à questão do trabalho, quando perguntei o que farão os chineses, diante de exigências internacionais para, pelo menos, respeitarem os direitos humanos no campo trabalhista, eles disseram ser esse um problema doméstico, e que, do Ocidente, desejam importar bens e serviços, e não valores sociais ou filosofia de vida!

Foi um choque. Concluí que os chineses na OMC vão esquentar ainda mais a guerra comercial atual.

Perfil da organização

- **OMC** – Organização Mundial do Comércio.
- **Joint-ventures** – Empresas fundadas por outras duas, já existentes, com o objetivo de realizar um empreendimento que individualmente não seria possível.
- **Mao Tsé-tung** (1893-1976) – dirigente revolucionário comunista, proclamado presidente da Nova República Popular da China em 1949. Tem o mérito de haver transformado a China, de país subsserviente aos estrangeiros, numa das maiores potências do mundo.

José Pastore é sociólogo especializado em relações do trabalho e desenvolvimento institucional. Site: <http://www.josepastore.com.br/artigos/relacoestrabalhistas/119.htm>



MEU CORAÇÃO EM FALUJA

Emir Sader

Meu coração está em Faluja. Está com os homens, mulheres, crianças, idosos, que resistem, bombardeados, cercados pelas tropas invasoras do seu país.

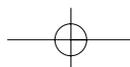
Meu coração está com os que defendem em Faluja suas mesquitas, suas casas, suas praças, suas plantações, suas escolas, sua cidade.

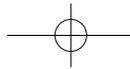
Meu coração está com os que choram, gritam, se desesperam, em Faluja.

Meu coração está em Faluja, onde iraquianos defendem desesperadamente seu direito de viver na sua cidade, no seu país, em paz, decidindo pelo futuro que desejem.

Meu coração está em Faluja, contra os adultos brancos que elegeram Bush, para tentar exterminar a identidade dos iraquianos, aniquilar sua memória e sua capacidade de auto-estima.

Meu coração está em Faluja, como já estive no Vietnã, como já estive na Argélia, como já estive em Bagdá, meu coração com os bombardeados, com os humilhados, com os ofendidos, com os discriminados, em Faluja.





Texto 9 / Presença militar norte-americana

Meu coração, nessas noites em que as luzes denunciam bombas, em que os aviões são os portadores do terror, em que a covardia dos pilotos massacra inocentes, destrói corações e vidas, meu coração com os que têm medo à noite em Faluja.

Meu coração de manhã em Faluja, com os que se prepararam para resistir, para morrer, para sobreviver, para lutar, para poder dormir uma noite mais em suas casas, em seus quartos, em suas camas, com seus filhos, com seus netos, com seus pais, com sua mulher, com sua vida.

Foto: Anja Niedriginhaus / AP/ AE



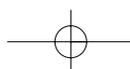
Meu coração com ódio dos agressores, dos assassinos, dos invasores, dos adultos brancos estadunidenses que pediram com seus votos que as águias imperiais executem todos os que julgam que ameaçam sua tranquilidade, suas propriedades, suas bandeiras, seus ódios, suas frustrações.

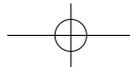
Fumaça escura ergue-se das construções da cidade de Faluja, no Iraque.

Meu coração com os palestinos, em Ramalah, com os afegãos, com os invadidos, com os ameaçados, com os perseguidos, com os expropriados, com os despossuídos, com os desprotegidos, com os abandonados.

Meu coração em Faluja, nesta e em todas as noites e dias em que houver corações que batem pela esperança, pela solidariedade, pela vida.

Texto publicado na revista Caros Amigos.





A ERA DA INCERTEZA

A globalização imposta pelos países ricos só aprofundou, desde o início dos anos 1980, o abismo entre ricos e pobres.

Renato Pompeu

A globalização é um conceito muito complicado, mas cujos efeitos atingem todas as pessoas do mundo. Por exemplo, se alguém, numa rua de comércio popular de uma cidade brasileira, compra uma calça ou blusa de fabricação chinesa, por ser mais barata do que as nacionais, isso significa que, além do lojista ou ambulante, quem vai lucrar é uma empresa lá na China, a dezenas de milhares de quilômetros do Brasil. A empresa chinesa é possivelmente de propriedade americana ou europeia, de modo que o dinheiro dessa simples compra vai rodar o mundo várias vezes. As roupas chinesas são mais baratas fundamental-

mente porque os operários chineses ganham muito pouco e, para concorrer com elas, as firmas brasileiras têm de cortar os salários e automatizar a produção, diminuindo os empregos em nosso país. Ou mesmo as fábricas brasileiras têm de se mudar para países em que os salários sejam mais baixos e os impostos menos pesados do que no Brasil. Isto é apenas um exemplo de como a globalização afeta a todos os habitantes do planeta.

Globalização é um termo erudito, isto é, não é usado pelo povo. Vem da palavra “globo”, que significa, no que interessa aqui, “globo terrestre”, ou seja, o planeta Terra. Significa que todas as pessoas do mundo vão tendo suas vidas cada vez mais interli-

Os veículos e suas velocidades, em km/h

Período	Tipo	Velocidade
1500 - 1850	Carruagens e barcos a vela	16
1850 - 1930	Locomotivas a vapor	100
	Barcos a vapor	57
1950	Aviões de propulsão a hélice	480 - 640
1960	Jatos de passageiros	800 - 1100

Fonte: Harvey, D., *Condição Pós-Moderna*, Ed. Loyola, 1989.

Viagem Nova York – Londres

Ano	Meio de transporte	Tempo gasto
1900	Barco	7 dias
1940	Barco	4,5 dias
1950	Avião	18 horas
1990	Avião	3 horas

Fonte: Vesentini, J. W., *Sociedade e Espaço*, Ed. Ática, 2003.





Foto: Jonne Roriz / AE

Fábrica do novo pólo calçadista de São João Batista, Santa Catarina, onde o Sebrae constatau taxa zero de desemprego. As confecções locais trabalham para marcas internacionais.

gadas; o que acontece numa determinada cidade em algum país, imediatamente tem repercussões para todas as pessoas de todos os países. Isso cria uma incerteza muito grande, pois cada vez adianta menos tentar fazer planos: as condições em que os planos se basearam podem ser drasticamente alteradas em segundos. Por exemplo, uma queda na cotação das ações na Bolsa de Nova York pode levar instantaneamente à falência empresas no mundo todo; um aumento da taxa de juros na União Européia pode fazer aumentar a dívida externa brasileira, reduzindo ainda mais nossos recursos para saúde e educação.

A globalização tem duas origens relacionadas entre si: uma é a crescente interligação entre as economias de todos os países, principalmente por meio dos investimentos provenientes dos países mais ricos e que são aplicados nos países mais pobres. A outra origem é a crescente aceleração das comunicações. Há 150 anos, demorava

quinze dias para uma notícia chegar da Europa ao Brasil, levada pelos passageiros dos navios de então; hoje, qualquer notícia importante, como o atentado contra as Torres Gêmeas em Nova York em 2001, leva menos de quinze segundos para sair de seu ponto de origem e chegar aos quatro cantos da Terra.

Uma das dimensões da globalização é a crescente desigualdade entre as pessoas.

As estatísticas internacionais indicam que, em 1960, os 20 por cento de pessoas mais ricas do mundo tinham renda trinta vezes maior do que os 20 por cento de pessoas mais pobres; quatro décadas depois, por volta do ano 2000, os 20 por cento mais ricos tinham renda oitenta vezes maior do que os 20 por cento mais pobres. Em suma, a era da globalização é a era da incerteza e da desigualdade crescentes.

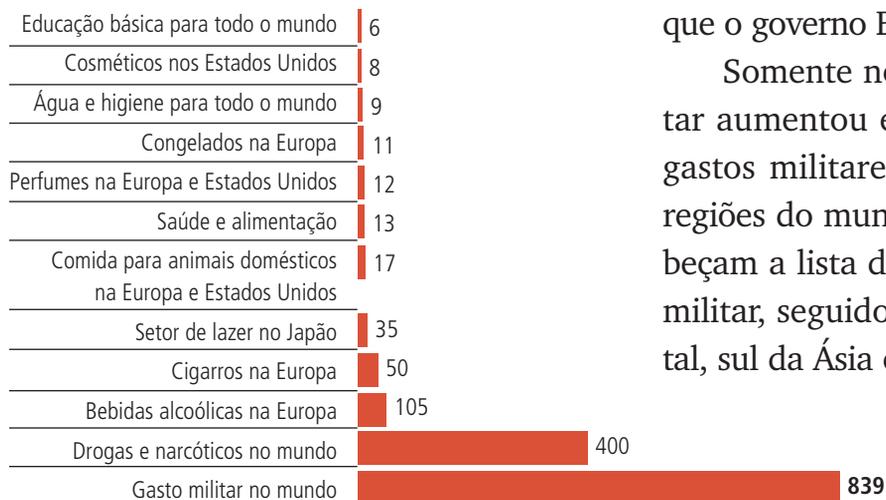
Renato Pompeu é escritor e jornalista.



GASTOS MUNDIAIS COM A GUERRA

Depois de um período de estabilidade, que sucedeu o fim da chamada guerra fria, os gastos militares mundiais voltaram a subir e parecem estar numa escalada sem fim com a guerra

Prioridades nos gastos mundiais (em bilhões de dólares)



Extraído da publicação Euromonitor, ONU, Worldwide Research Advisory and Business Intelligence Service.

Os gastos militares mundiais aumentaram 2% em 2001 e chegaram a 839 bilhões de dólares, que representam 2,6% do produto interno mundial e 137 dólares por habitante no mundo. As cifras dos gastos militares cresceram pelo terceiro ano consecutivo depois de um longo período de queda em consequência do fim da guerra fria.

Nos três últimos anos foi registrado um aumento de 7%. Nos próximos anos se prevê um forte crescimento nos gastos militares, devido ao aumento das verbas do exército que o governo Bush tem solicitado.

Somente no ano de 2002, o gasto militar aumentou em 7%. No ano de 2001, os gastos militares aumentaram em todas as regiões do mundo. Os Estados Unidos encabeçam a lista de regiões com o maior gasto militar, seguidos da Europa central e oriental, sul da Ásia e Oriente Médio.

O ABISMO QUE SEPARA OS FÓRUNS SOCIAL E ECONÔMICO

Criado como contraponto ao Fórum Econômico Mundial, o Fórum Social Mundial busca alternativas à globalização econômica vigente

Sérgio Leitão

A sociedade civil organizada, nos diversos países, no final dos anos 90, iniciou um processo de articulação mundial para se contrapor ao modelo econômico e social praticado pelo capitalismo. O marco dessa resistência está no grande protesto realizado em 1999, na cidade de Seattle, EUA, contra decisões da Organização Mundial do Comércio (OMC). A partir



Manifestações durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

Foto: Ricardo Giusti / AE

daí sucederam-se diversas manifestações e atos contra o Fórum Econômico Mundial, sediado em Davos, Suíça. Esse evento reúne, desde 1970, grandes empresários e dirigentes econômicos para discutir o desenvolvimento mundial sob o prisma capitalista e, por essa razão, tornou-se um símbolo de protesto da resistência globalizada. É nesse contexto que foi criado o



Fórum Social Mundial, a partir de iniciativas de organizações brasileiras. Programado para ocorrer sempre em um país do Terceiro Mundo e no mesmo período do Fórum de Davos, tem como objetivo reunir diversas nações, ativistas e líderes de movimentos populares em busca de soluções, longe das propostas capitalistas, para os problemas socioeconômicos do mundo.

O I Fórum Social Mundial ocorreu em Porto Alegre-RS, de 25 a 30 de janeiro de 2001, tendo os seus organizadores o definido como um espaço de debate democrático de idéias, aprofundamento de reflexões, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações.

Na ocasião, o Fórum reunido proclamou-se como um espaço permanente de busca e construção de alternativas para construir “uma globalização solidária, que respeite os direitos humanos, bem como os de todos os cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos”.

Desde então, o Fórum Social Mundial é organizado por um conjunto de oito organizações que integram a sua secretaria tendo sido definido que os encontros do Fórum ocorrerão alternadamente no

Brasil e em outros países que ofereçam condições para sediá-lo. A operacionalização das atividades se dá a partir da sua Secretaria Executiva, localizada na cidade de São Paulo, além de contar com um Conselho Internacional, ao que cabe discutir os seus rumos.

Em 2002 e 2003, o Fórum Social Mundial ocorreu em Porto Alegre, tendo iniciado a alternância em 2004, quando foi sediado pela Índia. Em 2005 volta mais uma vez para Porto Alegre. No seu primeiro encontro o

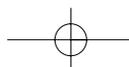
O Fórum tem como objetivo reunir diversas nações, ativistas e líderes

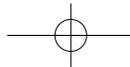
Fórum conseguiu reunir 20.000 pessoas. Em 2002, 60.000, em 2003, 100.000 e em 2004, 70.000. Ou seja, no seu segundo ano, o Fórum já estava reunindo o triplo de participantes do primeiro, num evento do qual participam perso-

nalidades e organizações de todo o mundo.

O Fórum Social Mundial, com o lema “Um outro mundo é possível”, tem servido para reanimar o espaço de construção das utopias e alternativas, apagando, com o fim do socialismo do Leste Europeu e com a queda da União Soviética, experiências antes imaginadas com as soluções para um mundo melhor.

Texto de Sérgio Leitão extraído do Almanaque Brasil Socioambiental e Instituto Socioambiental, 2004





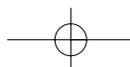
UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL

O mito da aldeia global esbarra no direito dos povos à autodeterminação.

Ilustração: Alcy

Tirando proveito de uma humanidade carente de referências históricas bem-sucedidas, o neoliberalismo deu verniz de modernidade e espalhou pelo planeta uma série de palavras com alto poder de sedução: globalização, nova ordem mundial, aldeia global... Não durou muito. Os muitos mitos erguidos à sombra do advento neoliberal começaram a perder sua credibilidade em 1997, com a eclosão da crise do Sudeste Asiático. Uma onda de choques abalou os grandes mercados do planeta: a Rússia, em agosto de 1998, e o Brasil, alguns meses depois. A turbulência da econo-

mia mundial e suas conseqüências devastadoras para a maior parte dos seres humanos acabaram sendo o estopim de uma das mais surpreendentes reações populares de todos os tempos: o movimento antiglobalização econômica, que teve um marco em Seattle, em novembro de 1999. Já no ano seguinte, os protestos ganhavam as ruas em várias partes do mundo e iniciavam articulações mundiais contras as políticas neoliberais. Entre elas, a campanha pela anulação da dívida dos países do Terceiro Mundo, por ocasião do chamado ano jubilar de 2000, a Marcha Mundial



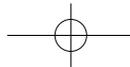


Foto: Gaby de Cicco

Caminhada do movimento das mulheres do Uruguai pelas ruas de Porto Alegre, no Fórum Social Mundial, em 2005.



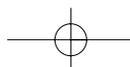
das Mulheres, a campanha contra a desregulação do comércio, o questionamento das políticas do FMI e do Banco Mundial, a campanha pela segurança alimentar e o combate à utilização de organismos geneticamente modificados – os transgênicos – na agricultura. Todo esse movimento culminou com a realização do 1º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no mês de janeiro de 2001. Em menos de dois anos, a nova ordem mundial e seu mito da aldeia global estavam dando lugar à utopia que, de lá para cá, vem disputando corações e mentes nos quatro cantos do mundo: a idéia (sintetizada no *slogan* do FSM) de que um outro mundo é possível..

Antiglobalização econômica

Consenso que une milhões de pessoas do mundo todo. Os ativistas do movimento antiglobalização econômica vêm demons-

trando, em diversos protestos, sua insatisfação com o neoliberalismo, que só aprofunda a miséria e a exclusão social em nosso planeta. Em 1999, na cidade de Seattle, EUA, inaugurou-se o estilo rebelde e irreverente que caracteriza as ações do movimento antiglobalização. A idéia é tirar o sono dos representantes do capital financeiro internacional. Por isso, em todas as reuniões do FMI, do Banco Mundial, do G8 (países mais ricos do mundo) e de outras instâncias de decisão dos capitalistas, lá está o coro dos descontentes, levando para as ruas sua indignação e inconformidade com a espoliação dos mais pobres e com a destruição do meio ambiente.

.....
 Texto adaptado por Págnia Viva de O Mundo das Alternativas, de Jéferson Assunção e Zaira Machado. Veraz 2001. "O Papel do FMI e o processo de desenvolvimento". CNT/Veraz, 2002



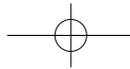


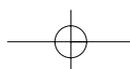
Foto: Jonne Roriz / AE

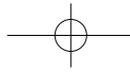


Soldados bolivianos guardam a refinaria da Petrobras em Palmasola, na cidade de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

ENTENDA A DECISÃO DA BOLÍVIA

Decreto nacionalizou a exploração de petróleo e gás





Em 1º de maio, Dia Internacional do Trabalho, o presidente da Bolívia, Evo Morales, assinou um decreto que nacionalizou a exploração dos hidrocarbonetos, recursos do subsolo boliviano, como o petróleo e o gás.

O anúncio da promulgação do decreto foi feito em uma refinaria da Petrobras que acabara de ser ocupada por homens das forças armadas bolivianas, assim como todas as outras instalações de empresas internacionais que exploram petróleo e gás ali.

O decreto determina que o governo boliviano passa, a partir de agora, a dominar a exploração de gás e petróleo no país, estabelecendo por que preço deverá ser produzido em cada unidade e realizando a comercialização dessa produção,

por intermédio da estatal de petróleo YPFB (Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos).

As empresas do setor, em sua grande maioria estrangeiras, passam ao controle do Estado boliviano, também na figura da YPFB, que terá 50% mais uma das ações dessas companhias.

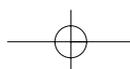
As empresas estrangeiras terão 180 dias para negociar as adaptações à nova legislação. Terminado esse prazo, aquelas que não se enquadrarem terão de deixar o país.

Além disso, o imposto sobre a exploração de gás, que era de 50%, passa a 82%.

Extraído de www.universia.com.br
Publicado em 05/05/2006 – Universia Brasil

Gasoduto Bolívia-Brasil

O gasoduto Bolívia-Brasil teve seu marco inicial na Carta de Intenções sobre o Processo de Integração Energética entre Bolívia e Brasil (1991) assinada entre a Petrobras e Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos (YPFB) com participação do Ministério de Energia e Hidrocarbonetos da Bolívia, em La Paz.



ILLEGAL IN MIAMI



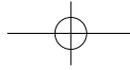
Ilustração: Aloy

Many Brazilians try their luck in the called Capital of Latin America. For the ones with money and a *green card* the chances are reasonable. But for the ones who go only with “courage”, the situation means a lot of work, some money and great loneliness. They also question themselves: did I do the right thing? We went there to discover.

I visited a little of Miami, not as a tourist, interested in the beauty of the city and the enthusiasm of consumerism. What I discovered was the underworld of illegal immigrants. Brazilians and Hispanics searching frenetically for dollars. My adventure started one day on the streets of São Paulo, when I encountered a good friend. He mentioned that he was living in Miami and returned to visit his family. We had a conversation and he invited me to go to Miami with him. I accepted.

In Miami, I was shocked. A lot of illegal Brazilian immigrants have two or three jobs and it is very difficult to sleep and eat properly, because they are obsessed with the idea of earning dollars (“La Plata”, as the Latinos usually say). The working day is frequently of 10 hours, Saturdays and Sundays are not free. The situation makes these people exhausted and irritated. The American Dream transforms their lives in nightmares.

In conversation with Brazilians working in



Miami, it is normal to listen: “In Miami I have a big TV, surround sound system, etc. In Brazil, it is impossible.” They think technology can make them happy.

An enormous quantity of money is spent on phone calls to Brazil. It’s impossible to describe the sensation of depression and what it is to miss your family and your real friends. But usually they don’t admit this during the phone calls to Brazil. They want to show a perfect happy life.

Friendship here is frequently to obtain advantages. There is no ethics or scruples. That’s why the Brazilians end up isolated. The beautiful Brazilian women continue in Brazil. In general the girls who are in the U.S. are not very attractive and the first question they ask you is if you have a green card. If the answer is NO, the conversation ends.

In Miami, everybody has a car. It is possible to obtain one for 2,000 dollars. The buses are really slow, and the routes are confusing and badly planned. Sometimes the bus drivers, the majority African-Americans, don’t stop if you are white. They don’t like the Latinos, because they are in direct competition with them for the low-class jobs.

After three months of frustration and with many debts in dollars on my credit card, I decided to return to Brazil. I imagined that if I continued there I would end up becoming extremely materialistic as the

majority of illegal workers. Brazil is a difficult place to live in, but I prefer to continue here with my family and my friends.

Trecho extraído da revista Speak Up, edição 155



GLOSSARY

As. como

Underworld. submundo

Searching. procurando

Earning. receber/ ganhar (salário)

Free. livre

American Dream. Sonho americano (é uma expressão muito utilizada para falar do sonho de obter uma casa própria, de trabalhar e enriquecer, de obter fartura)

Nightmare. pesadelo

To make. fazer

Happy. feliz

Spent. gasto

To miss. sentir falta/ ter saudade

To show. mostrar

Friendship. amizade

To end up. terminar

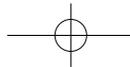
First. primeiro(a)

Green card. documento que permite um estrangeiro viver legalmente nos EUA

Slow. devagar

Low-class. classe baixa (pobre)

Here. aqui



UM DIA SEM IMIGRANTES

Foto: Araceli Arroyo



Centenas de pessoas participam de uma marcha em Allentown, Pensilvânia. Imigrantes ilegais e seus aliados se concentraram para participar de passeatas, missas e manifestações em todos os Estados Unidos, quando realizarão boicotes econômicos, faltarão ao trabalho e à escola, a fim de mostrar a importância que têm para o país. (1/5/2006)

Manifestação de imigrantes nos Estados Unidos.



Frase pichada num muro de Amsterdã, Holanda.

A visão de Fernando Pessoa

Patriota? Não: só português.

Nasci português como nasci louro e de olhos azuis

Se nasci para falar, tenho que falar uma língua.

(...)

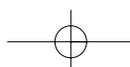
Falaram-me em homens, em humanidade

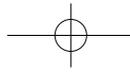
mas eu nunca vi homens, nem vi humanidade.

Vi vários homens assombrosamente diferentes entre si

cada um separado do outro por um espaço sem homens.

Extraído dos Poemas Completos de Alberto Caiero.

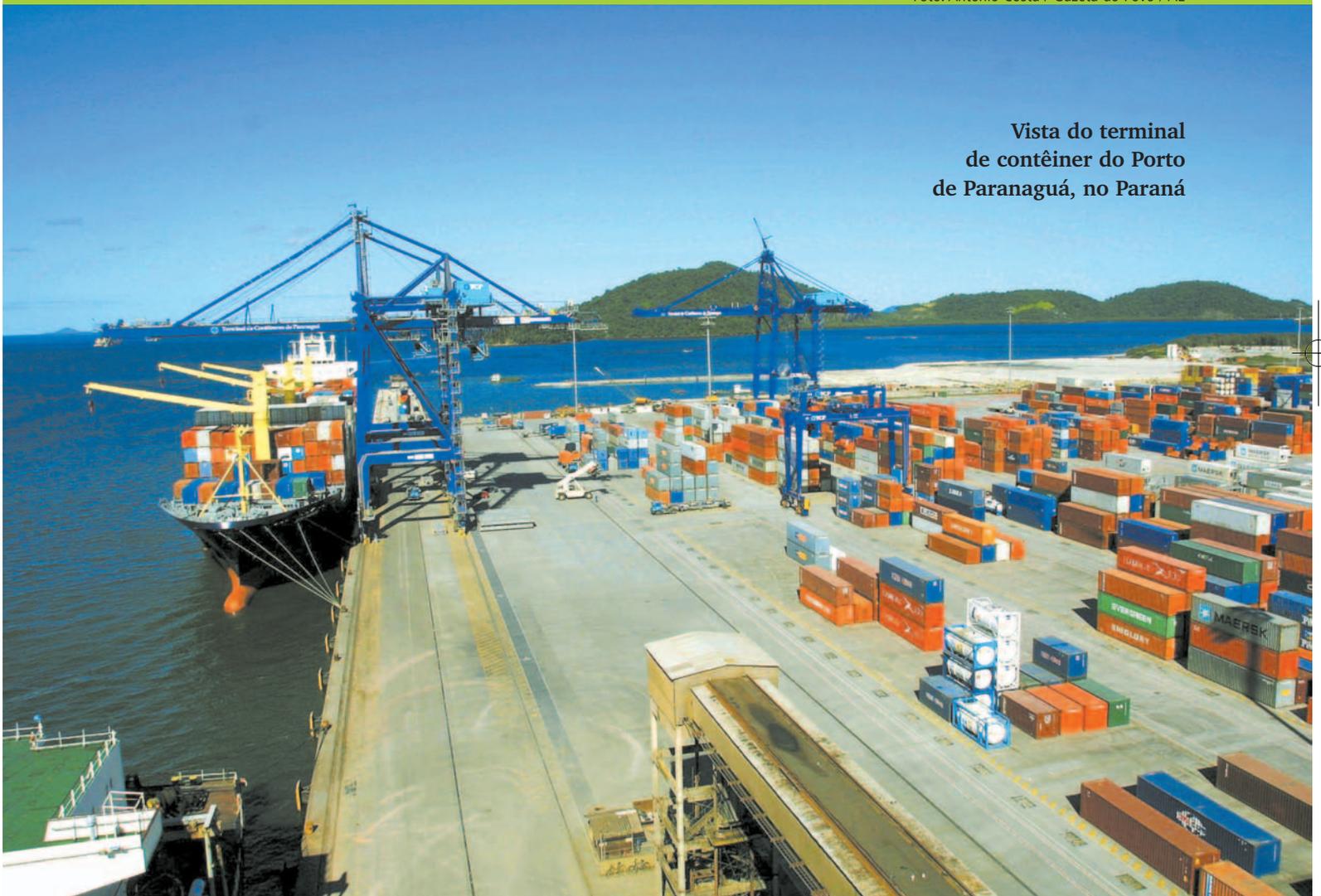




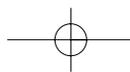
A LOGÍSTICA CRIA O PRODUTO MUNDIAL

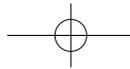
Foto: Antonio Costa / Gazeta do Povo / AE

Vista do terminal
de contêiner do Porto
de Paranaguá, no Paraná



Novas formas de relações internacionais, como a produção industrial no sistema em que os produtos são montados com peças provenientes de vários países, fizeram da logística um componente essencial dos sistemas produtivos.





A INTEGRAÇÃO NORTE-AMERICANA

Estados Unidos, Canadá e México tentam criar mercado comum

Renato Pompeu

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos surgiram como a principal potência econômica do planeta. Seu território não havia sido afetado pela guerra, enquanto a Europa, o Japão e a União Soviética tinham tido suas estruturas produtivas devastadas pelas batalhas terrestres e pelos bombardeios aéreos. Com isso, em meados dos anos 1950, os Estados Unidos detinham 50 por cento da produção industrial mundial. Seus artigos, seus filmes, sua música popular, passaram a dominar o mundo. Mas dali por diante a proporção do poderio americano passou a se reduzir.

Deixando de lado a União Soviética,

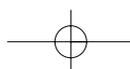


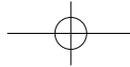
que sempre teve pouca participação no comércio internacional, constituindo-se numa economia autárquica, isto é, que procurava ser auto-suficiente e não depender de relações com o Exterior, as razões do progressivo declínio dos Estados Unidos no comércio mundial podem ser buscadas exa-

tamente na devastação que a Europa e o Japão tinham sofrido durante a guerra.

Isso porque, com seus parques industriais destruídos durante os bombardeios, o Japão e, na Europa, principalmente a Alemanha tiveram de começar praticamente do zero, o que levou esses países a instalarem fábricas bem mais modernas do que as que continuavam a funcionar nos

Ilustração: Alcy





Estados Unidos, não afetadas pela guerra.

Com isso a Europa e o Japão, com produtos melhores, mais baratos e mais inovadores, passaram a conquistar fatias cada vez maiores do mercado mundial, reduzindo a participação dos Estados Unidos primeiro a um terço e depois a menos do que isso; europeus e japoneses também lideraram os investimentos no Terceiro Mundo, acirrando a concorrência com os americanos.

Os Estados Unidos passaram a sofrer de um déficit comercial crônico, isto é, importavam muito mais do que exportavam. Para melhorar sua situação, os americanos entraram em contato com o Canadá e o México, para em 1992 formarem a Área de Livre Comércio da América do Norte (ALCAN, ou, na sigla em inglês, NAFTA), com o fim de

criarem um mercado comum semelhante ao que já existia na Europa Ocidental. Em toda a América do Norte, os produtos americanos, canadenses e mexicanos, passaram a fluir livremente, sem maiores tarifas alfandegárias, enquanto os produtos dos demais países do mundo, principalmente da Europa e do Japão, sofriam impostos de importação mais pesados.

.....
 Texto de Renato Pompeu, jornalista e escritor



Paupérrimo. extremamente pobre; pobríssimo.

Zona de Livre Comércio. conjunto dos países que organizam entre si a livre circulação das mercadorias produzidas nos seus territórios sem nenhum pagamento de taxas para atravessar as fronteiras

Foto: Luis Galdamez / Reuters / AE



Outubro de 2003. O secretário de Comércio americano Robert Zoellick, na foto com ministros dos países centro-americanos – Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua, nas negociações para trazer esses países para o âmbito do Nafta, firmado 10 anos antes entre os países da América do Norte – EUA, México e Canadá.

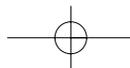




Foto: Ed Ferreira / AE

O presidente Lula e demais presidentes durante foto oficial da Reunião do Conselho do Mercado Comum do Sul (Mercosul), em Montevideu, Uruguai.

METADE DA AMÉRICA DO SUL JÁ ESTÁ LIGADA AO BLOCO

Venezuela foi o último país a aderir plenamente; Chile e Bolívia ainda são “membros associados”

O Mercosul (em português: Mercado Comum do Sul; em castelhano: Mercado Común del Sur, Mercosur) é o programa de integração econômica de cinco países da América do Sul. Em sua formação original, o bloco era composto por quatro países: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Entretanto, em julho de 2006, a Venezuela aderiu ao bloco. O bloco também é chamado de Cone Sul porque sua formação original abrangia as nações do sul do continente, formando um cone.

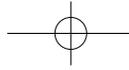
Reunião dos chefes de Estado dos países que integram o Mercosul, em 4 de julho de 2006. As discussões para a constituição de um mercado econômico regional para a América Latina remontam ao tratado que estabeleceu a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) desde a década de 1960. Esse organismo foi sucedido pela Associação Latino-Americana de Integração

na década de 1980. À época, a Argentina e o Brasil fizeram progressos na matéria, assinando a Declaração de Iguazu (1985), que estabelecia uma comissão bilateral, à qual se seguiu uma série de acordos comerciais no ano seguinte. O Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, assinado entre ambos os países em 1988, fixou como meta o estabelecimento de um mercado comum, ao qual outros países latino-americanos poderiam se unir.

Com a adesão do Paraguai e do Uruguai, os quatro países se tornaram signatários do Tratado de Assunção (1991), que estabelecia o Mercado Comum do Sul, uma aliança comercial visando dinamizar a economia regional, movimentando entre si mercadorias, pessoas, força de trabalho e capitais.

Inicialmente foi estabelecida uma zona de livre comércio, onde os países signatários não tributariam ou restringiriam as importações um do outro. A partir de 1º de janeiro de 1995, essa zona de livre comércio converteu-se em uma união aduaneira, na qual todos os signatários poderiam cobrar as mesmas alíquotas nas importações dos demais países (tarifa externa comum). No ano seguinte, a Bolívia e o Chile adquiriram o *status* de membros associados. O Chile encontra-se em processo de aquisição do *status* de membro pleno depois de resolver alguns problemas territoriais com a Argentina. Outras nações latino-america-





Texto 19 / Integração latino-americana



nas, como a Venezuela, manifestaram interesse em entrar para o grupo, o que se concretizou no dia 9 de dezembro de 2005.

As instituições integrantes do Mercosul, definidas pelo Tratado de Assunção, foram revistas pelo Protocolo de Ouro Preto, em 1994. Por ele, cada país-membro tem um voto e as decisões necessitam ser unânimes. Três são as instâncias decisórias: um conselho (com funções políticas), um grupo (com funções executivas) e uma comissão técnica.

O Mercosul foi significativamente enfraquecido pelo colapso da economia argentina em 2002. Alguns críticos acreditam que a negativa de ajuda do governo Bush àquele país à época foi baseada em um desejo de enfraquecer o Mercosul, já que, teoricamente, os EUA percebem a iniciativa desse mercado como um problema para a sua estratégia político-econômica para a América Latina. No entanto, é mais provável que os Estados Unidos tenham deixado de ajudar a Argentina uma vez que esse país latino-americano não transmitia confiabilidade aos mercados internacionais, tendo deixado de honrar seus compromissos financeiros em diversas ocasiões.

Em 2004 entrou em vigor o Protocolo de

Olivos (2002), que criou o Tribunal Arbitral Permanente de Revisão do Mercosul, com sede na cidade de Assunção (Paraguai). Uma das fontes de insegurança jurídica nesse bloco de integração era a falta de um tribunal permanente.

Nova rodada de negociações ocorreu a partir de julho de 2004, entre outros tópicos, discutindo-se a entrada do México no grupo. Como resultado, em 8 de dezembro

de 2004, os países membros assinaram a Declaração de Cuzco, que lançou as bases da Comunidade Sul-Americana de Nações, entidade que unirá o Mercosul e o Pacto Andino em uma zona de livre comércio continental.

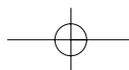
Em dezembro de 2005, a Venezuela protocolou seu pedido de adesão ao Mercosul,

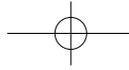
e em 4 de julho de 2006 seu ingresso ao bloco econômico foi formalizado, em Caracas.

Muitos sul-americanos vêem o Mercosul como uma arma contra a influência dos Estados Unidos na região, tanto na forma da Área de Livre Comércio das Américas quanto na de tratados bilaterais.

O Mercosul foi significativamente enfraquecido pelo colapso da economia argentina no ano de 2002. Há quem diga que os EUA queriam que isso ocorresse.

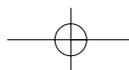
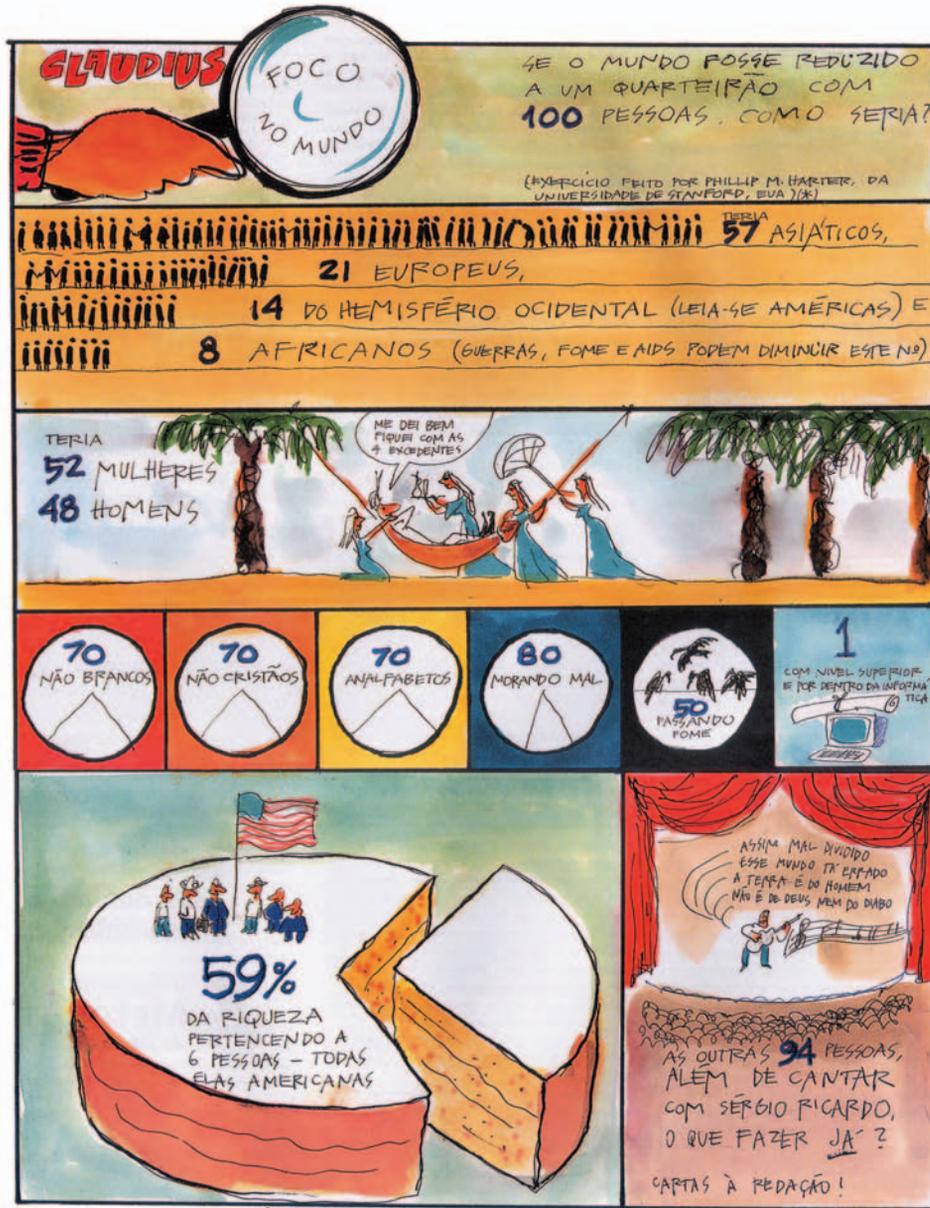
Extraído de www.contestado.com.br/wik/Mercosul

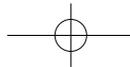




ALDEIA GLOBAL

Claudius





PRÓXIMOS E DISTANTES



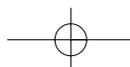
Foto: Griman

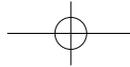
Lixão Araruama, RJ, o quadro que se repete no país, com lixo, homens e urubus.



Seção de mostruário de aparelhos de televisão da loja FNAC em Pinheiros, São Paulo.

Foto: Marcio Fernandes / AE





OIT AFIRMA QUE HÁ CADA VEZ MAIS



ESCRAVOS DA GLOBALIZAÇÃO

Com a aceleração do desenvolvimento tecnológico em todo o mundo, por causa da globalização, com sua interpenetração das economias nacionais numa única totalidade econômica mundial, a mão-de-obra passou a ser cada vez mais dispensável. Reduzindo-se, não só a proporção de pessoas com empregos, mas também os salários que os empregados podiam reivindicar. Quem queria emprego precisava aceitar salários cada vez mais baixos, porque sempre havia quem pedisse menos para poder ter um trabalho.

No limite, essa situação pode chegar ao salário zero ou próximo de zero, ou seja, ao renascimento do trabalho forçado e da escravidão em larga escala e em nova forma. Em Nova York ou São Paulo, trabalhadores de outros países são atraídos por empresários que prometem enganosamente bons salários e boas condições de trabalho e de vida, mas que, quando chegam ao seu destino, descobrem que trabalham 14 ou 16 horas por dia e dormem no emprego, ficando confinados sem saírem de lá – e tendo descontados dos salários, mais fictícios do que reais, os gastos com a viagem e com a alimentação e higiene, de modo que os tra-

Foto: Clayton de Souza / AE

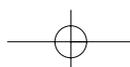


Bolivianos ilegais fazem fila na Pastoral do Imigrante, no bairro Glicério, no centro de São Paulo.

balhadores ficam sempre devendo, “em condições análogas à da escravidão”.

Em relatório de maio de 2005, a Organização Internacional do Trabalho calculava que havia mais de 12 milhões de trabalhadores escravos, inclusive mulheres e crianças, principalmente na prostituição. Essa situação gerava cerca de 30 bilhões de dólares anuais de lucros para os senhores de escravos – mas pesquisadores independentes, em estudos pioneiros não confirmados, calculavam que os trabalhadores escravos já atingiam a casa das dezenas de milhões de pessoas.

Texto escrito por Renato Pompeu, escritor e jornalista.

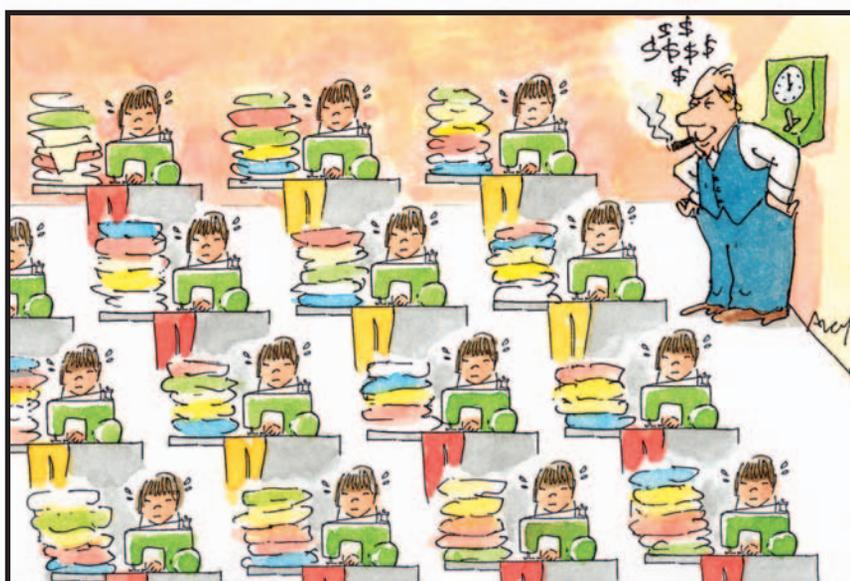


AS MÃOS INVISÍVEIS DO MERCADO

Alcy

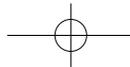
POR FORA, BELA VIOLA

- 1 AGASALHO "JOGGING", DE MARCA:
R\$ 600,00
- 2 TÊNIS PASSEIO, DE MARCA:
R\$ 400,00
- 3 TÊNIS ATLETISMO, DE MARCA:
R\$ 550,00



POR DENTRO...

TRABALHO ESCRAVO, OU
QUASE, PARA PRODUZIR
ESSAS PEÇAS: NÃO TEM PREÇO



ESCRAVOS URBANOS

Confecções vendem roupas produzidas em malharias clandestinas, que exploram a mão-de-obra de imigrantes irregulares



Foto: Sebastião Moreira / AE

Costureiras trabalhando em máquinas de costura em uma confecção no bairro do Bom Retiro, São Paulo

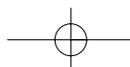
Uma reportagem publicada na revista *Observatório Social* (na edição 10, de junho de 2006) revela que uma multinacional de origem holandesa, com mais de 100 unidades instaladas no Brasil, se beneficia do trabalho degradante de imigrantes na cidade de São Paulo.

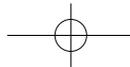
Os trabalhadores são trazidos ao Brasil por intermediários conhecidos como “coio-tes”, que ganham dinheiro contrabandean-do gente de um país para outro. Pelo menos

100.000 bolivianos estão nessa situação na capital paulista.

Segundo o Ministério Público do Trabalho, podem chegar a oitenta os fornecedores suspeitos de usar as malharias clandestinas para a confecção de roupas. Centenas de etiquetas com marcas da multinacional foram encontradas nesses locais pelas autoridades.

Fonte > www.observatoriosocial.org.br/portall/content/view/870/89/





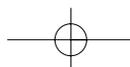
EMPREGABILIDADE, GLOBALIZAÇÃO E FUTURO PROFISSIONAL

Uma dúvida crucial: é possível fazer o que se gosta e ainda assim ter sucesso profissional, com bom retorno financeiro?

Lincoln Amaral

A noção de emprego estava, até poucas décadas atrás, associada à de estabilidade, previsibilidade e certeza. O empregado ficava décadas no mesmo emprego, com garantias como emprego por tempo definido, férias e fim-de-semana remunerados, indenização em caso de demissão sem justa causa, seguro de saúde e aposentadoria. Com o avanço tecnológico, o emprego migrou da indústria, que precisava de menos

mão-de-obra, para os serviços, formais ou informais. Nesse novo mercado, não há mais empregos permanentes e plenos direitos trabalhistas: ou os trabalhadores são contratados temporariamente ou trabalham por conta própria, com apenas a remuneração pelas suas tarefas, correndo o risco de ficarem sem trabalho e sem renda por tempo indefinido. As empresas estatais são privatizadas, ocorrendo demissões em massa, e os serviços públicos são terceirizados, juntando-se a outros setores em que ocorre a precarização do emprego.



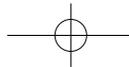


Foto: Osclain Brito / AE

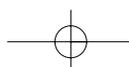


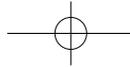
Na foto, barraca de camelô no viaduto do Chá, no centro de São Paulo.

À medida que avança o século XXI, as análises e previsões feitas durante a década de 1980 de que, no ano 2000, o avanço tecnológico levaria à substituição dos trabalhadores por máquinas inteligentes nas atividades que demandavam esforços físicos, e que se trabalhariam somente trinta horas por semana, sendo o restante do tempo destinado ao lazer, soa como algo duvidoso e até um paradoxo. Por outro lado, os que estão sendo demitidos e voltam a trabalhar passam a receber um salário em média 30% menor do que o salário anterior.

O trabalho temporário, por tempo determinado e de meio período, está aumentando sua importância no índice total de crescimento dos empregos. Esses tipos de trabalho envolvem tipicamente salários mais baixos, alguns benefícios a menos e menor segurança que o emprego mais tradicional. Isso, por sua vez, está levando a uma polarização da força de trabalho: trabalhadores de tempo integral comparativamente produzem mais resultados, enquanto trabalhadores com menos segurança produzem comparativamente menos.

Esse fato traz como resultado vários pro-





Texto 25 / Mudanças no mercado de trabalho



Artigos pirateados, como CDs e aparelhos eletrônicos são abertamente oferecidos por camelôs na rua 25 de Março, que tem o comércio mais movimentado de São Paulo

blemas sociais. Numa época em que o governo está tentando reduzir sua responsabilidade quanto aos benefícios sociais, como a seguridade na terceira idade, um segmento cada vez maior da população perde acesso aos tipos de pensão privada e aos planos de benefício que poderiam tornar os cidadãos auto-suficientes na aposentadoria.

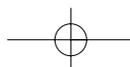
O surgimento de uma classe de trabalhadores sub-empregados e mal pagos afeta indevidamente aqueles que já consideram suas oportunidades de emprego restritas, aumentando os problemas de discriminação por sexo, raça, idade e também aos deficientes.

Por outro lado, gera preconceito contra aqueles que estão organizados, que passam a ser vistos por alguns como felizardos, beneficiários da polarização de empregos. Aqueles

que vivenciam oportunidades desoladoras de emprego podem desenvolver um ressentimento perturbador contra os que vivem uma realidade diferente.

Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED do Ministério do Trabalho do Brasil, no setor formal do mercado de trabalho, onde estão os trabalhadores protegidos por contratos de trabalho e pelos estatutos públicos, foram eliminados cerca de 2,560 milhões de empregos, entre janeiro de 1990 e dezembro de 1997. A geração de emprego no setor formal tem uma tendência declinante a partir de 1990, explicada, em grande parte, pela queda do emprego industrial. Entre 1989 e 1997, o emprego formal como um todo declinou 8,4%.

Os estudos sobre a questão do mercado de trabalho evidenciam que nos últimos anos ocorreu um aumento no perfil educacional da mão-de-obra. Entre 1994 e o início de 1998, a proporção de ocupados com nível de



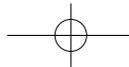
escolaridade entre 0 e 4 anos de estudo caiu de 37% para 29% (queda de 8 pontos percentuais), enquanto a parcela de trabalhadores com mais de 9 anos de estudo se elevou de cerca de 36% para 44% (aumento de idênticos 8 pontos percentuais).

No Brasil, também, por volta da metade dos excedentes são oriundos da agricultura e da economia competitiva. As grandes cidades já estão convivendo com pessoas que procuram por conta própria garantir sua sobrevivência, principalmente os biscateiros (profissionais sem definição, que se adaptam a qualquer atividade), os camelôs e os que optam pela prestação de serviços em domicílio (encanador, electricista, etc.). Além do mais, alastra-se o entendimento, por parte de um segmento populacional de que é preciso voltar-se para o "faça você mesmo". Surgem profissões novas, baseadas nos serviços de alta tecnologia, como o telemarketing e os serviços de suporte de informática, computadorização e robotização. Com a



alta concentração de renda, com cada vez menos pessoas dispondo de cada vez mais renda, surge um mercado de luxo, atendido, por exemplo, por cozinheiros de alta qualificação (os chamados chefes), acompanhantes, *personal trainers*, etc. Cresce o número de pessoas que trabalham em casa, com computadores.

Adaptado de estudo de Maria Ester Menegasso, da Universidade Federal de Santa Catarina, em www.eps.ufsc.br/teses98/ester/cap3.html

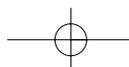


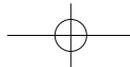
A NOVA ORDEM MUNDIAL

Angeli



Publicado em <http://resistir.info/>



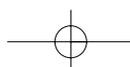


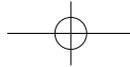
NA MÉDIA, OU BILL GATES¹ NO RESTAURANTE



Luis Fernando Verissimo,
17 de julho, 2003

Meu saldo bancário junto com o do Antônio Ermírio de Moraes seria um dos mais altos do Brasil. O fato de o Antônio Ermírio ser responsável por 98,2% do saldo não afetaria a exatidão da frase. Se eu estivesse num restaurante com outras quinze pessoas e o Bill Gates chegasse para jantar, a renda média dos presentes – a soma da renda de cada um dividida por dezessete – se multiplicaria automaticamente e eu estaria matematicamente rico, pelo menos até o Bill Gates ir embora. Antes de me entusiasmar e gritar “Garçom, suspende a Coca Diet e traz um Château Petrus²!”, no entanto, eu deveria meditar sobre os perigos do dado mal examinado e da estatística enganosa.





Texto 27 / Concentração de renda

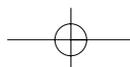
Só uma ilusão parecida com a que nos tornaria mais ricos pela simples companhia do Bill Gates explica que, em meio à revolta generalizada com a reforma da Previdência – em boa parte procedente e justa – categorias inteiras se indignem com a diminuição de tetos de proventos que só afetaria uma minoria, entre elas os “marajás” tão execrados na retórica desde que o Collor se elegeu prometendo eliminá-los, há catorze anos. Entre os erros e acertos da sua reforma, o governo pode muito bem lamentar que, com o tempo, a caça a marajás tenha perdido seu charme político, ou caído de moda. Ganhos altos imexíveis se misturam com a causa legítima de servidores públicos que, na maioria, ganham uma miséria. Mais uma prova que, como no caso da reforma agrária, que todos apoiavam desde que não seja preciso fazê-la, o grande desafio para quem quer mudar o Brasil é conseguir transformar retórica em fato.

De certa maneira, o fator Bill Gates no restaurante, ou o raciocínio pela média ilusória, é o que tem mantido a paz social no Brasil. Entre os grandes produtores rurais que nunca produziram e ganharam tanto, e as hordas de despossuídos no campo, na média estão todos bem. Entre os bancos que nunca lucraram tanto e o comércio e a indústria que penam, na média todos progridem. Entre a décima economia do mundo e a pior distribuição de renda do mundo, na média não está tão ruim assim. Entre os poucos que vivem a doce vida brasileira e os milhões que padecem da nossa desigualdade histórica, na média somos felizes. Entre uma Bélgica e uma Botsuana, na média somos, sei lá... um Brasil. E Antônio Ermírio e eu, na média, não temos do que nos queixar.

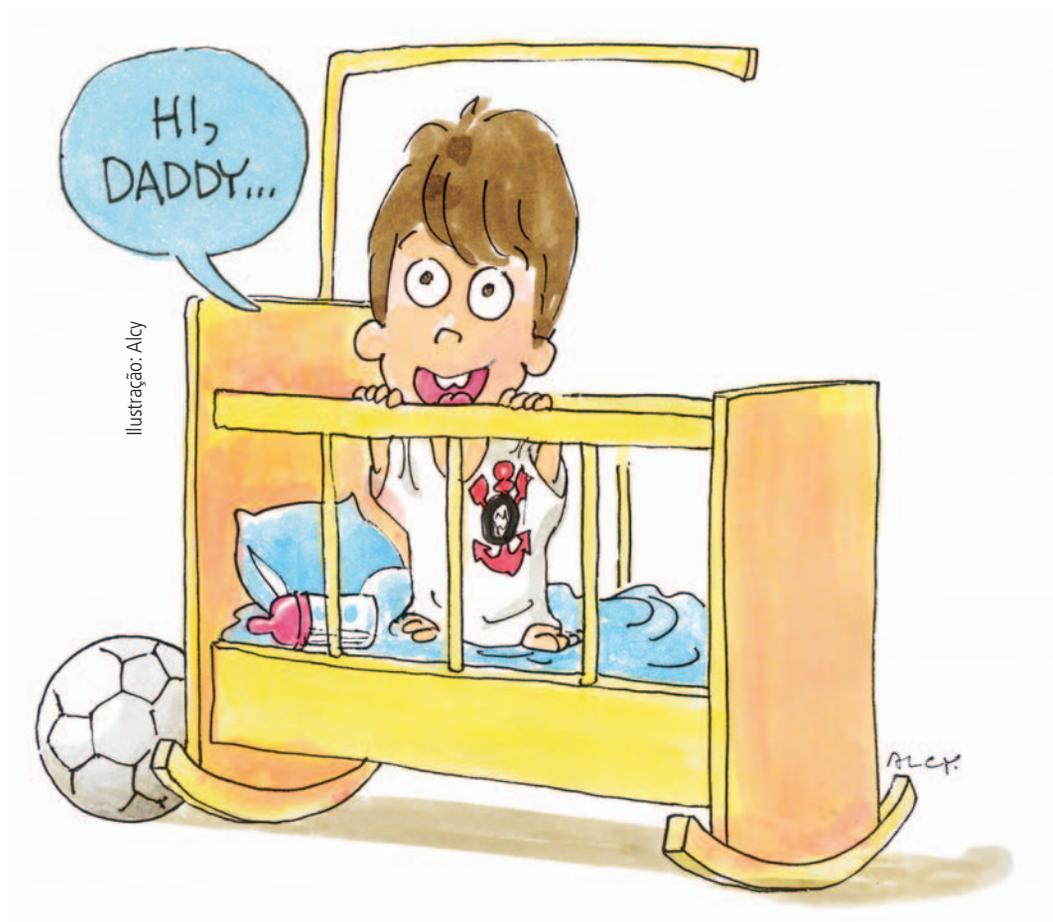
¹ **Bill Gates** – Dono da Microsoft, considerado o homem mais rico do mundo.

² **Château Petrus** – Vinho francês da região de Pomerol de alta qualidade e preço acima da média.

Extraído do site www.comciencia.net/2003



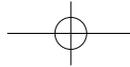
BULHUFAS



Jurandir chega mais cedo aquele dia em casa, talvez ainda pegue Kauê acordado. Em vão.

Ao entrar na sala, a esposa posta o indicador sobre os lábios pedindo silêncio. Jurandir faz um pequeno muxoxo. Afrouxa a gravata, joga o paletó sobre uma cadeira e tira os sapatos.

Penalizada, a esposa pega a mão de Jurandir e o leva, pé ante pé, até o bercinho do filho, que naquela semana completara duas primaveras.



Texto 28 / Interação de culturas

Os dois ficam mirando o rebento rosado ressonando, com grande orgulho, por algum tempo.

Em seguida, Kauê começa a se mexer. Vira-se de um lado para o outro, aninhando-se. Mas, no meio de um desses movimentos, abre os olhos e vê o pai.

Imediatamente a fisionomia do bebê ganha uma alegria sem par. Então ele abre um sorriso franco e diz:

– *Hi, daddy...*

Jurandir lança um olhar esbugalhado para a mulher.

– Marta, ele está falando comigo em...

A esposa completa:

– Sim, meu amor, ele está falando com você em inglês.

Não é uma coisinha?

Kauê então completa a frase:

– *...let's play football in the garden with me?*

O casal se abraça, emocionado. Kauê insiste:

– *Daaaaddy! Come with me, pleaaaase!*

São interrompidos pela buzina da perua escolar. Ela traz Diogo, o mais velho, de 6 anos. Mãe deixa Jurandir e Kauê no quarto e vai até o portão receber o outro filho.

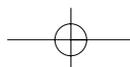
Pega-o no colo, enche-o de beijos. Mas o menino vem cheio de mau humor.

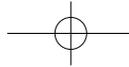
– *Oh, mammy, leave me alone! I just want a warm bath with my toys. Is it possible?*

Parece roteiro de filme hollywoodiano. Mas o fenômeno se alastra por todo o Brasil. São as escolas de educação infantil com opção bilíngüe.

Uma montanha de autidóres aponta a nova tendência. São ursinhos, cachorrinhos, elefantinhos (ou *funny bears, happy dogs and small elephants*) – todos mostrando a possibilidade de falar facilmente o idioma de Shakespeare.

Os argumentos a favor são repetidos à larga. O mundo globalizado, a necessidade de um idioma comum, a compe-





titividade cada vez maior no mercado. Ou o batido “seu filho precisa estar preparado para o futuro”.

Para ajudar no debate, que tal um parecer não tão favorável assim?

Pois bem.

Recentemente, uma universidade norte-americana adquiriu por 69 milhões de dólares o controle acionário de 61% da tradicional universidade privada paulista Anhembi-Morumbi.

É o caso de pensar com calma no momento das futuras matrículas.

Afinal, a *happiness* do seu filho está diretamente ligada à *freedom* do seu país, *isn't it?*

Aboboral

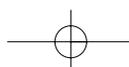
– Se o dinheiro é a mola do mundo, o Brasil está com a suspensão quebrada.

– Algo não vai bem quando se troca as sessões de análise pelas de diálise.

– O país que precisa de um Conselho de Ética está roubado.

– Sem querer ser do contra, mas não estava na hora de botar alguém na cadeia?

Texto de Castelo publicado na revista Caros Amigos, nº 110



OS CAMINHOS DO NOVO MUNDO

América Latina tem 11 milhões longe de casa

Andréa Wolffenbüttel

Os mesmos avanços que propiciaram a globalização da economia facilitaram também a migração entre países. O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) estima que, em 1990, 120 milhões de pessoas viviam fora do país natal. No continente americano, o fenômeno não foi diferente. O número de migrantes dentro da América Latina saltou de 1,5 milhão em 1960 para 11 milhões em 1990. A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) traçou o perfil dos movimentos migratórios na América e comprovou que, cada vez mais, os americanos se mudam para países dentro do próprio continente. O Brasil é um bom exemplo. O número de estrangeiros que vivem aqui diminuiu ao longo dos anos, mas a participação de americanos (das três Américas) na população brasileira é crescente.

Trecho extraído do texto de Andréa Wolffenbüttel, publicado na revista Desafios do Desenvolvimento – IPEA, edição 15, 1/10/2005



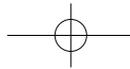


Foto: Farfuglinn

Foto: Adele Booyen

Foto: Philippe Tarbouriech

Foto: Kresta King Cutcher

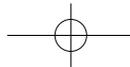


Da esquerda para a direita, refugiados da Palestina, Sudão, Vietnã e Ruanda.

FLAGELOS HUMANOS

Mais de 9 milhões de refugiados se amontoam em campos do mundo inteiro: a metade vem da África e da Ásia





Texto 30 / migrações

De acordo com a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951, o refugiado é uma pessoa que, "obedecendo ao temor devidamente fundado de ser perseguido por motivos raciais, religiosos, de nacionalidade, ou de opinião política, pertencente a um grupo social em particular, encontra-se fora de seu país de origem, que não lhe oferece segurança".

A emigração, isto é, a saída de um cidadão do seu lugar de origem com intenção

de viver em outro também está condicionada a outras circunstâncias. Consideram-se refugiados ambientais aquelas pessoas que se vêem obrigadas a ir embora ou porque lhes é negado o acesso à terra, ou porque a sua região é muito abandonada ou porque o sistema econômico não lhes permite satisfazer suas necessidades básicas.

Os países mais afetados pelas correntes de migrações forçadas são, ao mesmo tempo, os mais pobres do mundo. As vinte

Foto: Farfuglinn

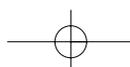


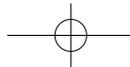
Foto: Adele Booyesen



Família palestina refugiada (acima); no Sudão, outras famílias enfrentam o mesmo drama (ao lado).

OS REFUGIADOS NO MUNDO





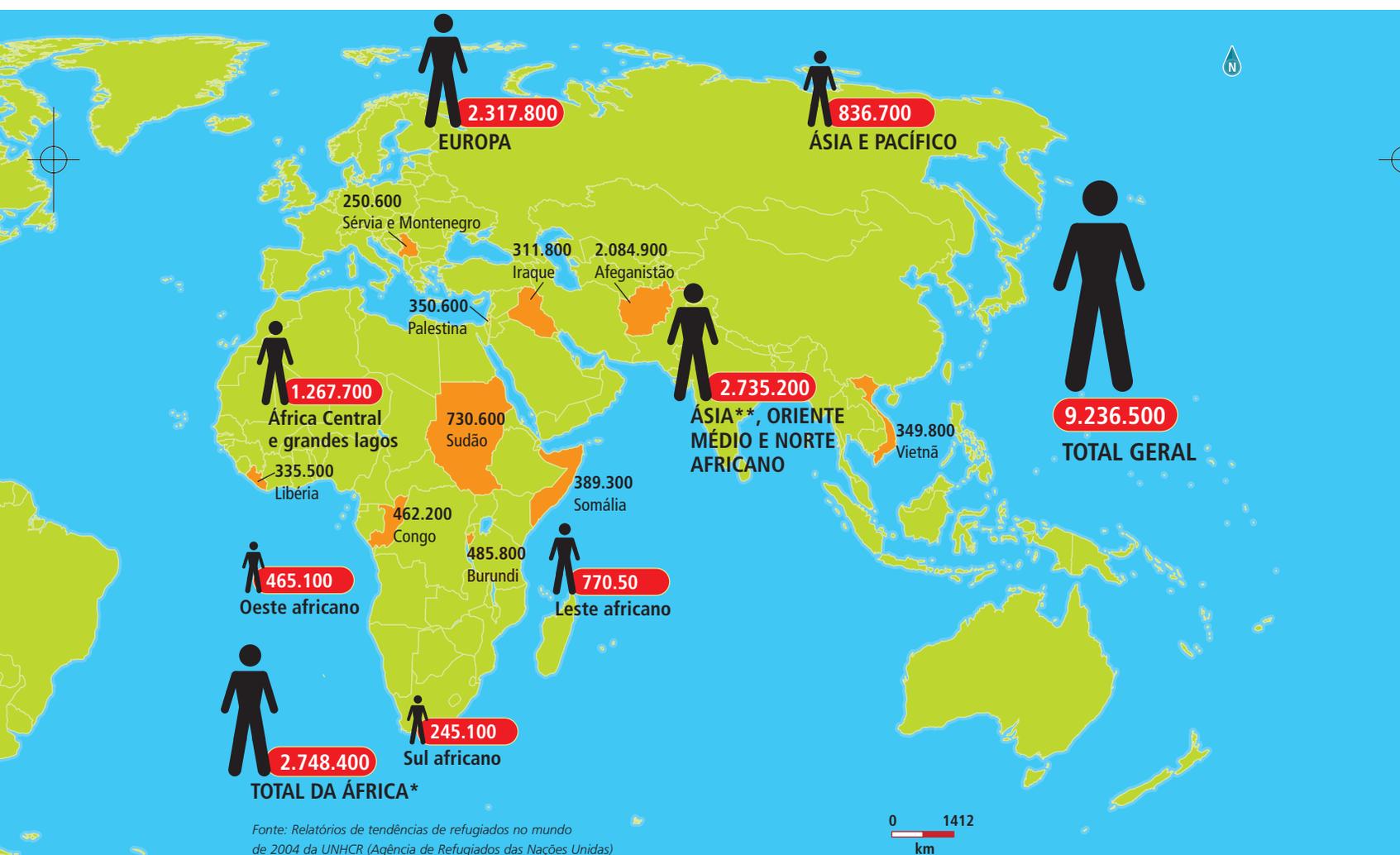
nações com maior proporção de refugiados apresentam uma renda *per capita* em torno de 700 dólares anuais.

O problema dos refugiados adquiriu tal magnitude nos anos 1990, que os sistemas de ajuda internacional e local foram incapazes de resolver todas as situações. O endurecimento de leis sobre admissão de estrangeiros e concessão de asilo nos países mais procurados pelos emigrantes fez com que ficasse cada vez mais difícil para

os refugiados conseguirem abrigo em outros países.

O desafio para o século 21 será, para as nações, garantir a segurança do indivíduo.

Enciclopédia do Mundo Contemporâneo, editoras Terceiro Milênio e Publifolha, 1999.



Expediente

Comitê Gestor do Projeto

Timothy Denis Ireland (Secad – Diretor do Departamento da EJA)
Cláudia Veloso Torres Guimarães (Secad – Coordenadora Geral da EJA)
Francisco José Carvalho Mazzeu (Unitrabalho) – UNESP/Unitrabalho
Diogo Joel Demarco (Unitrabalho)

Coordenação do Projeto

Francisco José Carvalho Mazzeu (Coordenador Geral)
Diogo Joel Demarco (Coordenador Executivo)
Luna Kalil (Coordenadora de Produção)

Equipe de Apoio Técnico

Adan Luca Parisi
Adriana Cristina Schwengber
Andreas Santos de Almeida
Jacqueline Brizida
Kelly Markovic
Solange de Oliveira

Equipe Pedagógica

Cleide Lourdes da Silva Araújo
Douglas Aparecido de Campos
Eunice Rittmeister
Francisco José Carvalho Mazzeu
Maria Aparecida Mello

Equipe de Consultores

Ana Maria Roman – SP
Antonia Terra de Calazans Fernandes – PUC-SP
Armando Lírio de Souza – UFPA – PA
Célia Regina Pereira do Nascimento – Unicamp – SP
Eloisa Helena Santos – UFMG – MG
Eugenio Maria de França Ramos – UNESP Rio Claro – SP
Giuliete Aymard Ramos Siqueira – SP
Lia Vargas Tiriba – UFF – RJ
Lucillo de Souza Junior – UFES – ES
Luiz Antônio Ferreira – PUC-SP
Maria Aparecida de Mello – UFSCar – SP
Maria Conceição Almeida Vasconcelos – UFS – SP
Maria Márcia Murta – UNB – DF
Maria Nezilda Culti – UEM – PR
Ocsana Sonia Danylyk – UPF – RS
Osmar Sá Pontes Júnior – UFC – CE
Ricardo Alvarez – Fundação Santo André – SP
Rita de Cássia Pacheco Gonçalves – UDESC – SC
Selva Guimarães Fonseca – UFU – MG
Vera Cecília Achatkin – PUC-SP

Equipe editorial

Preparação, edição e adaptação de texto:
Editora Página Viva

Revisão:
Ivana Alves Costa, Marilu Tassetto,
Mônica Rodrigues de Lima,
Sandra Regina de Souza e Solange Scattolini

Edição de arte, diagramação e projeto gráfico:
A+ Desenho Gráfico e Comunicação

Pesquisa iconográfica e direitos autorais:
Companhia da Memória

Fotografias não creditadas:
iStockphoto.com

Apoio

Editora Casa Amarela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Globalização e trabalho / [coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco, Luna Kalil]. -- São Paulo : Unitrabalho-Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho ; Brasília, DF : Ministério da Educação. SECAD-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007, -- (Coleção Cadernos de EJA)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-296-0058-4 (Unitrabalho)

ISBN 978-85-296-0058-1 (Unitrabalho)

1. Globalização 2. Livros-texto (Ensino Fundamental)
3. Trabalho I. Mazzeu, Francisco José Carvalho.
II. Demarco, Diogo Joel. \III. Kalil, Luna. IV. Série.

07-0403

CDD-372.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto :
Ensino fundamental 372.19